

## **COLÉGIO PEDRO II**

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura  
Curso de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes  
Visuais

Andréia Simões de Araujo

### **A CRIAÇÃO ATRAVÉS DA RELEITURA DA IMAGEM NA AULA DE ARTES VISUAIS**

Rio de Janeiro  
2021



Andréia Simões de Araujo

**A CRIAÇÃO ATRAVÉS DA RELEITURA DA IMAGEM NA AULA DE  
ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de relato de experiência apresentado ao Programa de Curso de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista no Ensino de Artes Visuais.

Orientadora: Professora M<sup>a</sup> Raquel Teixeira de Souza

Rio de Janeiro  
2021

**COLÉGIO PEDRO II**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**  
**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**  
**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

A663 Araujo, Andréia Simões de

A criação através da releitura da imagem na aula de artes visuais / Andréia Simões de Araujo. - Rio de Janeiro, 2021.

28 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Sabres e Fazes no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Raquel Teixeira de Souza.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Abordagem triangular. 3. Criação na arte. 4. Imitação. 5. Leitura de imagens. I. Souza, Raquel Teixeira de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 700

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Andréia Simões de Araujo

## **A CRIAÇÃO ATRAVÉS DA RELEITURA DA IMAGEM NA AULA DE ARTES VISUAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de relato de experiência apresentado ao Programa de Curso de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

Banca Examinadora:

---

Professora M<sup>a</sup> Raquel Teixeira de Souza (Orientadora)  
SFEAV - Colégio Pedro II

---

Professor M. Shannon Figueiredo de Souza Botelho  
SFEAV - Colégio Pedro II (Titular)

---

Professora Dr<sup>a</sup> Camila Nagem Marques Vieira  
EAV - Colégio Pedro II (Titular)

---

Professora M<sup>a</sup> Analu Steffen  
SFEAV - Colégio Pedro II (Suplente)

---

Professora M<sup>a</sup> Nilza Cristina de Sousa Culmant Ramos  
DAV - Colégio Pedro II (Suplente)

Rio de Janeiro  
2021

# **A CRIAÇÃO ATRAVÉS DA RELEITURA DA IMAGEM NA AULA DE ARTES VISUAIS**

Andréia Simões de Araujo

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo apresentar a releitura de imagens na aula de Artes Visuais como exercício de criação e estruturação imagética. Defendendo a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, enquanto caminho viável para desenvolver a criatividade e inaugurar novas imagens, analiso trabalhos práticos resultante de propostas apresentadas às turmas de sexto, oitavo e nono anos do Ensino Fundamental no ano de 2020, em uma escola particular localizada na Zona Oeste da cidade do Rio de Janeiro. Nessa prática, a leitura e a releitura desenvolvidas através da Abordagem Triangular na aula de Artes Visuais promoveram criações distintas que trouxeram à tona as personalidades e as vivências das/dos estudantes, assim como questionamentos sobre a sociedade atual, expandindo sua criatividade, raciocínio e imaginação.

**Palavras-chave:** Cópia X Criação; Leitura e Releitura de imagens; Abordagem Triangular.

## INTRODUÇÃO

O conhecimento se constrói através do cruzamento de informações. Essas podem ser tanto do meio em que se vive, quanto do que nos chega externamente. As imagens, de uma maneira geral, fazem parte da construção do nosso repertório imagético. Seja qual for a sua procedência, podemos afirmar que possuem sentidos diferentes para cada um que se depara com elas. Somos constantes produtores e captadores de conteúdo imagético, imagens essas que buscam trazer um discurso através da estética. As imagens são tão abertas a interpretações quanto textos; sendo assim, são dotadas de pistas e indícios que nos permitem adentrarmos a fundo nos seus possíveis entendimentos.

Ana Mae Barbosa, uma das pessoas mais expressivas para o Ensino da Arte no Brasil, tanto como profissional atuante em sala de aula, quanto pesquisadora no campo da Arte Educação, admite a imagem como uma forma de linguagem que alcança mais do que as palavras podem alcançar. Seria a imagem uma forma distinta de se transmitir, receber e interpretar informações sobre o mundo. “Nosso mundo cotidiano está cada vez mais sendo dominado pela imagem” (BARBOSA, 2005, p. 37), através do estudo aprofundado sobre as imagens que circulam no mundo, podemos ser capazes de compreendê-lo, questioná-lo, transformá-lo.

Embora a ideia de aprofundar-se no que as imagens nos mostram possa parecer comum, não é um exercício natural da nossa mente. Ela precisa ser estimulada através de práticas que tenham como objetivo explorar as possibilidades de interpretação e criação que as imagens podem proporcionar. Neste sentido uma das competências gerais da Educação Básica na Base Nacional Curricular Comum (BNCC) é

Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. (BRASIL, 2018, p.6)

Considerando essa competência, entende-se que uma das prioridades da escola é colaborar na formação de pessoas independentes, capazes de construir a própria identidade, formar cidadãos e cidadãs capazes de pensar por si só, tendo uma participação ativa e construtiva na sociedade. Nas aulas de Artes Visuais, as/os estudante podem desenvolver essa construção pessoal, sendo o conhecimento amplificado um dos seus maiores focos.

O exercício da releitura de imagem na aula de Artes Visuais, pode levar as/os estudantes a criação ou pode acabar inibindo o processo criativo das/dos estudantes, direcionando seus trabalhos práticos ao copismo. Tudo depende da forma com que esse exercício é ministrado em sala de aula.

Segundo Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta (2011), a orientação do profissional na aula de Artes Visuais é determinante para que o estudante tenha um direcionamento à frente do que é proposto, para que o exercício de releitura de imagem não se confunda com a confecção de cópia. A imagem, no caso da releitura, deve ser vista como uma referência, e não uma imagem a ser imitada. A autora afirma que há necessidade de se ler a imagem de forma mais atenta e não superficial, para então realizar o processo de releitura. “Dessa maneira, é a prática da leitura que conduz à releitura que, por sua vez, alimenta dúvidas, planta questões” (SCHLICHTA, 2011, p. 369).

O exercício de ler e reler imagens na aula de Artes Visuais permite que a/o estudante amplie seu entendimento diante das imagens que lhe são ofertadas, fazendo com que considere diferentes significados para o que vê. O atravessamento de referências imagéticas trazidas pela vida das/dos estudantes e as que o/a professor(a) oferece, permite que a criatividade e a imaginação trabalhem juntas e criem universos diferentes abrindo espaço para a criação de perspectivas distintas, contribuindo para a construção da subjetividade e do conhecimento do estudante. Diferentes vivências trazem novas formas de pensar, de agir, de interagir e de construir.

Diante da proposta pedagógica de homenagear o centenário de Clarice Lispector no ano de 2020, em uma escola de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, o exercício da releitura foi escolhido como processo de estudo imagético e da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, em que a imagem é lida, contextualizada e praticada, como forma de ministrar esse processo na aula de Artes Visuais, tornando o ensino-aprendizagem mais dinâmico e construtivo. A aplicação da Abordagem Triangular nesse caso é uma forma de incentivar a criação através do imaginário e da criatividade, tendo como principal referência as obras de Clarice Lispector, mais especificamente as obras “A hora da estrela” (LISPECTOR, 1977) e “A maçã no escuro” (LISPECTOR, 1961).

O livro “A hora da estrela”, (LISPECTOR, 1977), foi trabalhado com o sexto e oitavo ano do Ensino Fundamental como parte do processo de construção da ideia inicial de utilizar a releitura na aula de Artes Visuais, quando a imagem era o resultado de uma criação a partir do enredo e as capas do livro de Clarice Lispector. Neste caso, as/os estudantes foram orientados a criarem uma capa para o livro de Lispector, que, para eles, melhor ilustrassem a história de Macabéa, a principal personagem de “A hora da estrela”, sem necessariamente se apegar às características ambientais ou mesmo físicas, apenas o enredo da história.

Já a obra “A maçã no escuro” (LISPECTOR, 1961) foi trabalhada tendo as imagens das diversas capas da obra de Lispector como principais referências para as turmas de sexto e

do nono ano criarem através da releitura de imagem na aula de Artes Visuais. O exercício proposto tinha como objetivo a criação de uma nova capa para o livro de Lispector, através da releitura, tendo como base as diferentes capas que o livro teve em suas tantas edições. Para isso, as/os estudantes eram livres para utilizar o suporte e a técnica artística de sua preferência. Quando analisadas pela turma, não somente os elementos representados eram considerados em suas análises, mas também a coloração. Como as figuras eram organizadas, a presença do título e sua relação com os outros elementos presentes também era um fator a ser observado e discutido entre as/os estudantes. A partir das suposições levantadas sobre possíveis contextos que as imagens podiam estar inseridas, possíveis sentidos que poderiam alcançar, as/os estudantes passaram a esquematizar suas próprias capas e, por fim, a confeccioná-las. Conforme Lucia Gouvêa Pimentel (2016), “A forma de fruição em relação às formas de expressão também será diferenciada, com aspectos que podem ser similares, mas não serão iguais em todos os aspectos” (PIMENTEL, 2016, p. 14). Neste sentido, embora cada um tivesse uma interpretação diferente sobre o que as imagens poderiam significar, cada suposição individual conversava entre si, se completando, sem deixar as particularidades de lado.

O exercício da releitura permite que se abranja o conhecimento na medida que as/os estudantes se relacionam, afetam e são afetados pela vivência um do outro. A imagem existe enquanto o que é visível, ou seja, o que ela pretende nos dizer; e o invisível, o que podemos imaginar sobre ela, o que entendemos de acordo com o que conhecemos. A troca de informações na aula de Artes Visuais acaba sendo uma ferramenta de aprendizagem, pois, uma vez que se tem acesso a novos conhecimentos, cada um as analisa a partir de suas próprias vivências e referências. O exercício da releitura na aula de Artes Visuais é importante para desenvolver, criar hipóteses e diferentes maneiras de enxergar imagens, fatores fundamentais para que o sujeito crie a própria visão de mundo.

## **A IMPORTÂNCIA DA RELEITURA DA IMAGEM NA AULA DE ARTES VISUAIS**

Relemos textos verbais buscando diferentes entendimentos ou aspectos específicos que alavanquem ideias em construção para dar origem à criação de novos textos. A imagem também carrega um sentido a ser explorado, criticado e expandido, sendo possível criar através do exercício de ler e de reler imagens.

O ato de reler é busca de conhecimento, de esclarecimento e de expansão de ideias, ele permite o atravessamento de informações que traz à tona novos conceitos. O sentido do que conhecemos se constrói através do entrelaçamento de informações. Esse atravessamento nos faz construir a nossa noção de certo e errado dentro e fora da sociedade em que vivemos. Dessa forma, é possível pensar na releitura de imagens como parte do processo de aprendizagem, algo que mantém o conhecimento em um movimento fluido de adaptação e reconstrução de pensamento, processo esse capaz de proporcionar um caminho para a criação dentro da aula de Artes Visuais.

Sobre a prática da releitura, Consuelo Alcioni Borba Duarte Schlichta, Professora da Universidade Federal do Paraná, coordenadora do projeto “Da formação à atuação do(a) educador(a) em artes visuais na leitura e interpretação de imagens: o que se propõe e o que se faz na escola?”, defende a importância do constante direcionamento das/dos professoras de Artes Visuais, para que a releitura de imagens não caia na simples cópia das referências utilizadas nas práticas das/dos estudantes, questionando ao mesmo tempo o lugar da imagem no exercício da releitura.

Se reler, tomando-se seu sentido literal, é “tornar a ler” ou “ler muitas vezes”, com objetivo de compreender melhor algo, cabe perguntar novamente: qual o papel da imagem nesse processo de releitura, por que ou para que fazer sua releitura? (...) a releitura exige uma competência que não se dá naturalmente, mas passa por um processo educativo de formação dos sentidos. (SCHLICHTA, 2011, p. 369).

É interessante destacar o fato de não ser um movimento natural da mente humana o ato de reler, de pensar de maneira minuciosa o que nos está sendo mostrado. Há a necessidade de um incentivo educacional recorrente para que a releitura seja um hábito desde criança, exercitando a capacidade de ir além dos discursos repetitivos, desenvolvendo um olhar mais profundo do que se vê. A imagem faz parte da linguagem que deve ser interpretada mais detalhadamente. Figuras importantes para o Ensino da Arte no Brasil, como a professora Ana Mae Barbosa, uma das maiores referências quando se trata de pesquisa em Arte Educação no Brasil, defendem a ideia da imagem enquanto linguagem, não como substituta exata de outras formas de comunicação, mas como algo que vai além das palavras, que transborda sentidos

muito diversos e de possibilidades infinitas que ultrapassam o que podemos dizer com palavras, uma diferente maneira de responder e perguntar ao mundo, de comunicar-se com ele e dizer sobre ele. A imagem é uma forma de representar o mundo, cada recorte e interpretação é um novo modo de ver, ouvir e contar o mundo, aprender sobre e com ele. A imagem é conteúdo tanto quanto o texto escrito.

Não se alfabetiza fazendo apenas as crianças juntarem as letras. Há uma alfabetização cultural sem a qual a letra pouco significa. (...) O pensamento representacional das artes plásticas capta e processa a informação através da imagem (...). A produção de arte faz a criança pensar inteligentemente acerca da criação de imagens visuais. (...). Há uma pesquisa na França mostrando que 82% da nossa aprendizagem informal se faz através da imagem a 55% desta aprendizagem é feita inconscientemente. Temos que alfabetizar para a leitura da imagem. (...) A crítica de arte desenvolve a habilidade de ver e não apenas olhar as qualidades que constituem o mundo visual, um mundo que inclui e excede as obras de arte (BARBOSA, 2005, p. 28; 34-37).

O ler e o reler dão origem à criação de novos mundos, construídos pela junção do que a imagem nos mostra e as possibilidades de sentido, prática que abre espaço para novas interpretações e formulações de conceitos. A criação de perspectivas diferentes a partir do que nos é apresentado faz parte da construção da nossa subjetividade e contribui para a formação da nossa própria opinião. Novas referências dão origem a novas reflexões, novas atitudes, novos interesses, novo pensar.

A imagem aparece como uma forma de ler, entender e opinar, justamente quando as palavras não mais suportam significados intensos, quando não são o suficiente para se alcançar o que desejamos expor. O mundo está repleto de imagens com significados distintos. O exercício de reler imagens nas aulas de Artes Visuais, auxilia as/os estudantes na expansão dos conceitos que emergem delas, trazendo a percepção não superficial, encontrando sentidos outros, além do que originalmente estas tentam alcançar. Dependendo como é ministrado o exercício da releitura nas aulas de Artes Visuais, pode tornar a escola um espaço aberto e confortável para explorar o potencial criativo que a prática da releitura pode trazer para a vida das/dos estudantes dentro e fora do ambiente escolar.

A releitura incita à compreensão de que maneira as imagens nos modificam, se relacionam com o nosso entendimento de mundo, em que profundidade nos atingem e ainda como (re)agimos ao que nos é apresentado, modificando, confrontando essas referências.

Alcione Schlichta (2011) defende que a imagem já é construída com referenciais para alcançar um sentido a ser difundido. Essa definição apresenta a imagem como um semelhante ao sentido de origem que quer passar, ou seja, ela dá forma a esse sentido, tornando-o visível. Ela é a representação de uma ideia inicial, ao mesmo tempo, a imagem pode não fazer sentido

para todos que a veem, porque ela está sujeita a nossa própria interpretação, baseada nas nossas próprias referências, o que é invisível fora do sujeito. Logo, quando alguém exerce a leitura de uma imagem está unindo o que ela tornou visível com o invisível que é a nossa interpretação da imagem, ou seja, para além daquilo que já conhece como referência, a exposição de novas imagens acaba por oferecer possibilidades de novos referenciais.

A imagem não é mero reflexo da memória, do passado ou do presente, (...) é representação e enquanto um sistema simbólico é uma interpretação. A representação, nesse caso, tem dupla função: a primeira, segundo Chartier (2002, p. 165), “tornar presente uma ausência”; em outras palavras, uma imagem representa, torna presente qualquer coisa ausente, é um modo de reapresentação do ausente. Mas a imagem, tomando-se sua segunda função, pode também exibir sua própria presença enquanto imagem. (...) Em suma, ler uma imagem é ao mesmo tempo a assimilação de sua transparência (o que se quer mostrar) e de sua opacidade (do que não se vê). (...) As atividades de leitura, nesse sentido, são de extrema importância, especialmente no âmbito da escola, pois possibilitam aos alunos um olhar além da transparência. (SCHLICHTA, 2011, p. 370)

A imagem está sempre nos sugerindo algo na mesma medida em que a produzimos com algum objetivo, seja para apresentar uma opinião, para informar um acontecimento ou até mesmo para questionar sobre o seu próprio consumo diário. Tanto os motivos pelos quais as imagens são feitas podem ser infinitos, quanto suas possíveis interpretações, daí a importância de trabalhá-las de uma maneira geral, pois a nossa construção de repertório não é formada somente por imagens oriundas da História da Arte. Cada imagem lida para além do superficial passa por um processo de significação nosso, onde nossas referências visuais conversam com nosso imaginário, tornando possível teorizar sobre quais os prováveis significados que a imagem pode ter. O exercício da releitura, direcionado nas aulas de Artes Visuais, é um processo que pode levar as/os estudantes a construir conhecimento através de uma imagem.

Apesar das referências imagéticas estarem presentes no processo de construção nas aulas de Artes Visuais, o exercício da releitura de imagem não deve resultar em uma cópia, mas numa criação a partir do que um conjunto de referências nos faz pensar, daí a importância do direcionamento do professor em sala de aula. Enquanto a cópia é apenas uma reprodução de algo que já existe, a releitura conta com um processo criativo em que as referências e as provocações que elas trazem se encontram no imaginário, onde nos questionamos, supomos e criamos universos onde tudo é possível para, assim, concluirmos nossa própria ideia do que estamos vendo e, por fim, fazendo.

## **A RELEITURA DA IMAGEM NA ABORDAGEM TRIANGULAR ENQUANTO PRÁTICA IMAGINATIVA INVENTIVA**

O ensino baseado na cópia literal, ou seja, quando as/os estudantes são orientados a copiarem exatamente uma imagem ou texto, podem ser considerados vazios no sentido cognitivo. A artista e professora Edith Derdyk, (2020, p.69) afirma: "Fornecer um “modelo” para ser copiado exclui a possibilidade de a criança selecionar seus interesses e necessidades reais”. Quando as/os estudantes trazem um questionamento para a aula de Artes Visuais, estão construindo pensamentos sobre o que está sendo discutido, têm uma base do real que os fazem pensar e repensar, indo e voltando na referência enquanto criam. O "copiar e colar" pode acabar reduzindo a possível ação de pesquisa intrínseca ao aluno. Isso não significa que não possa ter referências específicas na hora de realizar o seu trabalho, desde que as use como ponto de partida para sua própria criação. O espaço para imaginação é indispensável, as/os estudantes não devem ter um "modelo" para copiar, mas como algo para interpretarem.

Além do “copiar e colar”, utilizar imagens de séculos passados e as cristalizar no passado sem as relacionar aos dias atuais não possibilita novas interpretações, o que torna as aulas desinteressantes, deslocadas do tempo que as/os estudantes vivem, pois, as referências imagéticas que possuem estão ao seu redor. Não é proibida a utilização de imagens oriundas, por exemplo, da História da Arte clássica, mas seria interessante estabelecer um diálogo com as imagens que as/os estudantes obtêm contato com maior facilidade no dia a dia. A sua experiência estética está presente na época em que vivem, ou seja, decodificam a imagem de acordo com os conceitos presentes em suas experiências de vida.

Quando o ensino é construído através do ambiente das/dos estudantes, ele se conecta com suas vivências. Amanda Carvalho de Oliveira, mestra em ensino de artes pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista (UNESP) frisa que essa atitude de utilizar o ambiente das/dos estudantes nas aulas de Artes Visuais "incentiva a leitura de imagem para além da sala de aula, para seu cotidiano, sua vida. Busca o entendimento partindo da criança e de suas experiências” (OLIVEIRA, 2016, p. 66). O fazer deve conter a experiência das/dos estudantes, junto das referências que já têm, e direcioná-los pode trazer novos modos de ver. Dessa forma, podemos pensar conforme a professora Lucia Pimentel, (2016, p.19), “Se a imaginação torna a criança mais forte para suportar a realidade, se desenhar não é fotografar com lápis - mas sim pensar a imagem - e se pensar a imagem é fator para a construção de conhecimento, a aprendizagem da produção imagética implica em função cognitiva.”

Se pensarmos que expressividade é uma forma das/dos estudantes contarem a maneira com que veem o mundo, ela deve ser utilizada para que movimente o conhecimento e não os deixem na repetição automática. “Muitas vezes, esquece-se que a atividade artística é meio de afirmação, (...) interação dos homens com a realidade e que a arte é trabalho criador, por consequência, diferentemente do trabalho alienado, é humanizador.” (SCHLICHTA, 2011, p. 380).

É através do exercício da releitura de imagem que se faz possível desenvolver um pensamento mais complexo que nos leve não apenas à contemplação e cópia, mas sim à ação de criar. O espaço escolar, mais especificamente a aula de Artes Visuais, é promissor para realizar e incentivar a releitura como processo de criação. Nesse caso, a Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa aparece como um procedimento plausível para trabalhar com a releitura da imagem na aula de Artes Visuais, onde estudantes vão ler a imagem, observar seus elementos gráficos; contextualizá-la, estabelecendo um diálogo entre os elementos visuais e a atualidade em que vivemos em busca de possíveis interpretações que tenham sentido diante do que conhecemos; e praticar, utilizando a releitura para movimentar todo o conhecimento que temos acesso e criar, a partir do exercício da imaginação, novos significados dentro da proposta visual.

Devido a possibilidade de haver um mal-entendido em relação a suas palavras na hora de destrinchar e entender a Abordagem Triangular, Ana Mae substituiu o termo “apreciação” pelo termo “leitura” em relação a imagem na sua ideia de Abordagem, para não deixar dúvidas do que de fato propunha, para não confundirem com um “mero deslumbramento (...) aquelas coisas horrorosas penduradas na sala de aula, para as crianças verem, copiarem, se empanturrarem de cópias numa fase de criação e descoberta” (BARBOSA, 2016, p. 348). O termo “leitura” está empregado justamente para abrir espaço à subjetividade do indivíduo, para ele ter a liberdade de interpretar e opinar sobre o que tem acesso, o que não faria sentido se fosse o apreciar pura e simplesmente.

O entendimento da criança frente à imagem, segundo BARBOSA (2016), funciona de uma maneira narrativa e criativa que deve surgir da própria criança; é dessa maneira que ela irá ler a imagem e compreendê-la em seu imaginário, acrescentando o que para ela faz sentido ao que a imagem lhe mostra. Em concordância com a autora apontamos junto à Lucia Pimentel que “a imaginação é parte integrante e essencial para a experiência, pois na experiência o sujeito é envolvido totalmente, é capturado pelo desafio e imerge na ação de investigar as possíveis vias de buscar novas e plausíveis saídas para ele” (PIMENTEL, 2016, p.18).

Admitir a inexistência da interpretação e da imaginação através da leitura de imagem pela Abordagem Triangular é sugerir a falta de subjetividade, deixando o sujeito apenas com o conceito pré-estabelecido a ser repetido e não pensado. O ato de interpretar e imaginar é o que nos torna únicos; vivências diferentes trazem referências diversas. No caso da Abordagem Triangular, o ato da leitura abrange mais do que o contexto em que a imagem foi confeccionada, pois promove “uma leitura de mundo e de nós neste mundo, uma leitura que é, na verdade, uma interpretação cultural do objeto a ser interpretado, pois qualquer obra é aberta a diversas interpretações e depende muito do ponto de vista, do ponto de largada do leitor/espectador.” (BARBOSA, 2006, p. 143).

Quando fazemos a releitura da imagem, estamos criando a partir do entrelaçamento da ideia que ela traz e supostamente é entendida, mesmo que superficialmente analisada, com a nossa própria interpretação, carregada de outras referências que fazem parte de nossa vivência, resultando em uma criação. “A releitura exerce um papel fundamental: contribuir para a emancipação dos sentidos humanos, (...) imagens se acham impregnadas de memória e fabulação, verdades ou mentiras, coisas boas ou ruins, enfim, de valores e visões de mundo.” (SCHLICHTA, 2011, p. 371). A releitura das imagens nos atíça à imaginação.

Segundo Lucia Gouvêa Pimentel (2016), a interação entre obra de arte e o sujeito acontece na medida em que esse é afetado e se deixa afetar pela intenção da imagem de ambientá-lo no pensamento que traz, mas também exalta a importância da imaginação, do pensamento mais profundo, para além de uma imagem superficial, apresentando o imaginário como o local em que parte invisível e visível se encontram, originando a criação, junto a esta, a consolidação do ensino-aprendizagem. Dessa forma,

É pelo pensamento que acontece o sentido. É via metáfora, na tensão entre imaginação e imagem, que acontece a construção de conhecimento, ou seja, a aprendizagem. (...) Assim, a instância do espaço imaginativo precisa ser considerada como espaço de conhecimento, não como espaço de ocorrência do acaso, mas espaço propício à aprendizagem. Conhecimento é uma construção e não uma aquisição. A construção de conhecimento implica em ação relacional e intencional do sujeito com informações, que desemboque em um saber inédito para o sujeito. Supõe oportunidade de ter acesso à informação e supõe em movimento interno que torne significativa essa informação, para que possam ser tomadas decisões com base nos próprios pensamentos e na autonomia de vontade (PIMENTEL, 2016, p. 15)

A releitura é um exercício que potencializa e acaba por externalizar o que se constrói no imaginário. A imaginação, a invenção, as teorias são bases que temos e que devem ser exploradas e incentivadas principalmente na aula de Artes Visuais, afinal, a escola tem como um dos objetivos, formar estudantes que tenham “competência para a leitura de imaginário que perpassa de ponta a ponta a realidade humano-social” (SCHLICHTA, 2011, p. 325).

Quando chegamos ao termo "contextualizar" da Abordagem Triangular, estamos falando de muito mais do que fatores históricos e datas descritas sobre a imagem. Estamos lidando com o contexto social atual em que a imagem é lida e interpretada. A arte-educadora Ana Amália Tavares Bastos Barbosa (2005), afirma que a imagem não só está vinculada apenas pelo período histórico, mas sim na ambiência, a imagem tenta atrair o indivíduo para a sua ambiência, dessa forma, não só fatores históricos estão envolvidos, “mas também social, biológica, psicológica, ecológica, antropológica (...) contextualizar não é só contar a história da vida do artista que fez a obra, mas também estabelecer relações dessa ou dessas obras com o mundo ao redor, é pensar sobre a obra de arte de forma mais ampla.” (BARBOSA, 2005, p. 143). Apesar de ter todo um contexto associado à imagem, a inventividade é essencial para desenvolver, criar teorias, novas formas de enxergá-la. A contextualização da imagem não só conta com sua localização na História, mas também, como ela conversa dentro do universo em que foi criada, lida e interpretada.

Dessa maneira, podemos entender que a interpretação e a imaginação são fatores fundamentais para que o sujeito crie a própria visão de mundo e que seja capaz de aprender com base no que já teve contato de alguma maneira, sem a necessidade de copiar algo, apenas ter um norte para expandir sua imaginação e então, criar.

## A POPULARIZAÇÃO DO USO DA IMAGEM NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

A leitura e releitura como *práxis* pedagógica nas aulas de Artes Visuais poder ser aplicada através da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa e, a partir daí, originar ações que possibilitam desdobramentos por parte das/dos estudantes de uma maneira mais dinâmica e construtiva. A inserção da imagem oriunda de diferentes mídias no Ensino de Arte começou sem muita aceitação no meio acadêmico. “A primeira tentativa de analisar imagens em cursos de arte-educadores teve lugar durante a Semana de Arte e Ensino na Universidade de São Paulo (1980) através do workshop utilizando a imagem de TV, mas a maioria dos participantes considerou aquilo uma heresia” (BARBOSA, 1989, p. 174)

Considerar a inclusão das imagens de diferentes mídias em propostas de construção artística como um ato de heresia parece ser um indicativo da resistência inicial em modificar uma forma de ensinar e aprender Arte. Embora Ana Mae nunca tenha utilizado o termo “História da Arte”, muitos estudiosos acreditavam que ela defendia apenas imagens oriundas desta, quando na verdade, seu trabalho sugere a inserção da imagem em suas diversidades e diferentes contextos. A própria História da Arte se utiliza, em certos momentos, de imagens oriundas de diversas mídias, como exemplo temos o movimento artístico intitulado *Pop Art*.

Surgida nos anos de 1960 a *Pop Art* buscava uma Arte mais popular, uma comunicação direta com o público através de signos e símbolos presentes na vida da população em massa. Ganhou cada vez mais espaço ao utilizarem imagens replicadas e consumidas como produtos em prateleiras.

Segundo Rainer Gonçalves Sousa (2020), Professor no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG),

O “pop art” enquanto movimento abraça as diversas manifestações da cultura de massa, da cultura feita para as multidões e produzida pelos grandes veículos de comunicação. Ao envolver elementos gerados pela sociedade industrial, a “pop art” realiza um duplo movimento capaz de nos revelar a riqueza de sua própria existência. Por um lado, ela expõe traços de uma sociedade marcada pela industrialização, pela repetição e a criação de ícones instantâneos. Por outro, questiona os limites do fazer artístico ao evitar um pensamento autonomista e abranger os fenômenos de seu tempo para então conceber suas criações próprias. (Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/artes/pop-art.htm>. Acesso em 19 de agosto de 2021)

A ideia de se consumir Arte, consumir o “produto imagem”, reafirmou um dos conceitos do movimento: a não separação entre Arte/Vida. Esse movimento artístico se utilizava do conceito de “popular”, através de mensagens imagéticas que circulavam por toda parte, como por exemplo propagandas televisionadas, impressas ou em folhetos informativos. Os artistas incorporaram à Arte imagens oriundas da publicidade, da televisão e do cinema em

suas obras. Mesmo que a memória do conceito que a imagem tinha, antes de ser realocada, se mantivesse preservada, os artistas brincavam com as possibilidades que as imagens carregavam; ainda que parecessem esgotadas, eram recolocadas em espaços diferentes, com novas propostas, releituras que ultrapassavam o comum. O que era considerado popular e erudito se misturava, a arte se utilizava da cultura de massa em sua composição consumível. “Grandes estrelas do cinema, revistas em quadrinhos, automóveis modernos, aparelhos eletrônicos ou produtos enlatados foram desconstruídos para que as impressões e ideias desses artistas assinalassem o poder de reprodução e a efemeridade daquilo que é oferecido pela era industrial.” (SOUSA, 2020)

A partir desse movimento e da ampla possibilidade que a visualidade moderna trouxe, a Arte não está apenas nas galerias e museus, mas também nas casas, nas ruas. Imagens lidas e relidas, criadas e criadoras. A obra de arte também é uma imagem que percorre o mundo por diferentes mídias; pode trazer informações, visões, ideias diferentes; pode ser usada como referência; pode fazer parte de uma nova criação; enfim, pode modificar-se a partir de quem a relê.

Hoje em dia, temos a presença de editores de imagens, através dos quais as pessoas mesclam obras de arte com imagens do dia a dia, criam piadas utilizando legendas divertidas, trazendo novos sentidos às imagens. Isso é possível quando se tem em mente que imagens são conteúdos, possuem mensagens, sentidos e provocações variadas, podendo ser modificadas, aproveitadas e/ou renovadas. O entendimento sobre o que dizem as imagens varia entre as pessoas, podendo resultar em releituras diferenciadas.

Devido à rejeição no seminário da USP em 1980, Ana Mae lançou um programa para professores de artes na Bienal de Arte em São Paulo em 1987. De modo a incentivar a leitura e releituras de imagens, projetou ateliês na grande Mostra daquele ano. Dessa vez, lançou mão das obras da História da Arte, porém, poucos achavam importante o uso da imagem, e, quando a utilizavam, tinham dificuldades em relacionar a livre expressão das/dos estudantes com a Abordagem Triangular nas atividades propostas.

Era uma mudança gigantesca e importante para o Ensino da Arte no Brasil, mas sem um direcionamento correto, por parte da docência em artes, o exercício de se expressar e construir novas imagens, através do que era abordado, acabava não sendo experimentado, se perdia em meio a práticas afastadas da criação; se transformava em cópias das obras da História da Arte, sem haver criticidade para outras elaborações a partir das mesmas. A docência acabava transformando o exercício de apreciação artística em propostas que

direcionavam as/os estudantes a copiarem, reduzindo a imaginação inventiva à decoração de um modelo, mera reprodução da imagem apresentada.

A subjetividade das/dos estudantes não pode ser extinta com exercícios que não buscam nada além da cópia, do que é certo ou errado e não inventivo. A Abordagem Triangular consiste em um processo investigativo, uma instigação:

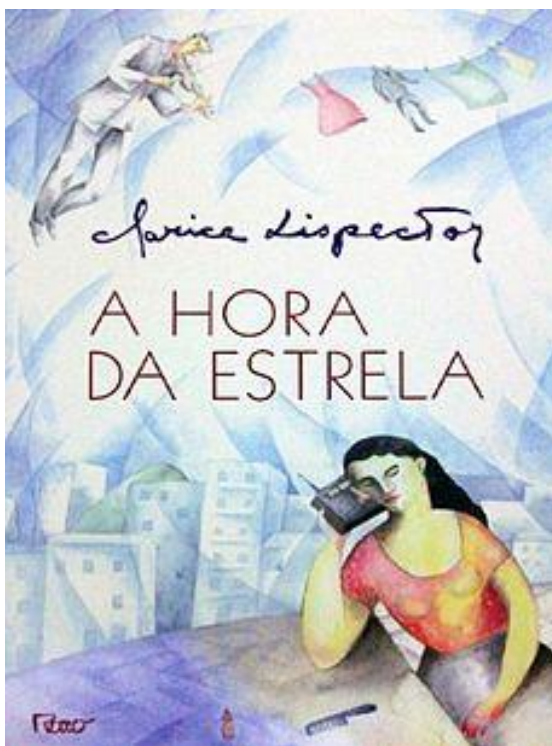
A metodologia utilizada para a leitura de uma obra de arte varia de acordo com o conhecimento anterior do professor, podendo ser estética, semiológica, iconológica, princípios da *gestalt* e etc. (...) Nossa ideia de leitura de imagem é construir uma metalinguagem de imagem. Não é falar sobre uma pintura, mas falar a pintura num outro discurso, às vezes silencioso, algumas vezes gráfico, e verbal somente na sua visibilidade primária (BARBOSA, 2005. p. 19).

Ana Mae se refere ao exercício do pensar, do imaginário, da criação, tendo como referência a imagem estudada, um pensamento que não apenas replique o que a imagem já mostra, mas sim que adentre nas possibilidades criativas que ela pode trazer, a inventabilidade é essencial para desenvolver, criar teorias, novas formas de enxergar e refletir e ampliar o pensamento sobre a mesma imagem. O exercício da releitura da imagem, aplicada através da Abordagem Triangular, é uma maneira de incentivar a criação.

## RELENDO CLARICE

Com o objetivo de desenvolver a criação na aula de Artes Visuais utilizando a releitura de imagem através da Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, iniciei no ano de 2020, em concordância com o Projeto Pedagógico de uma escola de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro voltado para homenagear Clarice Lispector durante o seu centenário, um exercício voltado para a releitura de imagem para as turmas do sexto e oitavo ano do Ensino Fundamental.

O exercício de releitura da turma de sexto ano com o total de 23 alunos e do oitavo ano com 15 alunos foi iniciado no dia 12 de fevereiro de 2020 e teve sua conclusão no dia 19 do mesmo mês, tendo dois encontros de dois tempos de 50 minutos ambas as turmas. O exercício proposto as/os estudantes consistia na confecção de desenhos baseados no resumo e na observação das ilustrações da capa do livro “A hora da estrela” (LISPECTOR, 1977), que, na opinião deles, melhor ilustrassem a história de Macabéa, a personagem principal da obra.



“A hora da estrela”, 1997. Clarice Lispector

No primeiro encontro, foi apresentado as turmas um pequeno resumo biográfico de Clarice Lispector, destacando suas principais obras e como ela utilizava personagens femininos com situações comuns para desenvolver suas histórias. Os poucos a história de Macabéa foi sendo revelada à medida que a história do livro “A hora da estrela” de Lispector foi sendo apresentada de forma oral para a turma. Após esse contato com a história de

Macabéa, foram expostas através de slides algumas capas do mesmo livro produzidas ao longo das suas edições.

Antes de revelar o que eles fariam na prática, passei a conversar com a turma sobre o enredo do livro. Perguntas como “Como vocês acham que era a vida de Macabéa antes do livro ser escrito?” “Vocês podem imaginar outros finais para Macabéa? Quais seriam esses?” “O que vocês acreditam que aconteceu após o final de Macabéa?” “Observem as imagens nas capas dos livros. Os elementos da Linguagem Visual fazem sentido em meia a história ou vocês acreditam que tenham outro sentido? O que significam para vocês?” Após esse diálogo, os alunos foram orientados a escolherem uma ou mais capas de “A Hora da Estrela” mostradas para serem referências para suas atividades.

Já no segundo encontro, o exercício prático foi realizado. Ele consistia nos alunos criarem através da releitura uma nova capa, e, se assim desejassem, um novo título para a obra de Clarice Lispector. Para isso, os alunos foram orientados a levarem para a aula de Artes Visuais o material de coloração que mais se sentissem à vontade em utilizar, por exemplo, tinta guache, lápis de cor, giz de cera. Assim como a superfície que desejassem realizar o seu trabalho, tendo a maioria optado pelo papel sulfite branco em formato A4.

Durante o direcionamento da atividade, foi enfatizado que as/os estudantes poderiam dar a aparência que quisessem às personagens, aos objetos e à localidade da história, sem ficarem presos a descrições de aparência presentes no enredo ou mesmo no que a ilustração da capa mostrava, sendo esses elementos apenas referências como incentivo à imaginação.

Conforme eles iam respondendo e se perguntando, passaram a teorizar sobre a história de Macabéa e como os elementos visuais presentes nas capas poderiam se encaixar na história e que outros elementos seriam importantes para composição dessas capas. O que poderia ser retirado, acrescentado ou modificado nessas imagens. A curiosidade, as dúvidas e as hipóteses sobre o enredo tomaram toda a aula no primeiro momento, inicialmente ditas em voz baixa e reservada. As/os estudantes aparentavam receio na hora de apresentarem suas opiniões respondendo aos poucos as perguntas que tinham sido feitas. Apenas quando boa parte da turma já havia exposto o que pensava e estava dialogando entre eles é que houve maior interação entre os adolescentes. Muitas vezes, as hipóteses eram tão parecidas umas com as outras que era uma questão de detalhe para ser, ou não, considerada válida por eles. Grande parte das/dos estudantes escolheram reproduzir o momento do atropelamento, em que Macabea se vê maravilhada com a atenção que está recebendo após o acidente, embora cada aluno tenha apresentado a cena a partir de um ponto de vista diferente.



Produção aluna F., sexto ano



Produção aluna M., oitavo ano

Enquanto a aluna F. retratou o momento de tensão antes da conclusão do atropelamento, a aluna M., do oitavo ano, retratou o momento após o acidente acrescentando, ainda, um título para o desenho. Quando perguntada a respeito dessa última ação respondeu ser um novo título para o livro todo, pois achava muito triste a empolgação da personagem ao ser o centro das atenções por razões tão trágicas.

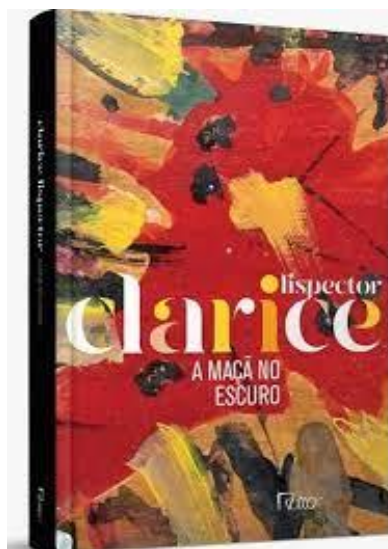
A partir da observação desse trabalho pelo restante da turma, se iniciou uma conversa em sala de aula sobre as pessoas que não são ouvidas, que não tem as opiniões respeitadas e seus direitos garantidos. Conversamos sobre quem é visto, quem está na mídia, quem está aparecendo como representante de quem não é ouvido, quem são essas pessoas não ouvidas, o porquê de não serem ouvidas. Foi um exercício que estimulou discussões importantes diante da sociedade em que vivemos, como por exemplo a representação política do país. As/os estudantes construíram todo um pensamento através do que ouviram, viram e criaram, através da imaginação e das referências que tiveram acesso, aliadas as suas observações e experiências de vida.

O resultado do exercício da releitura foi estimulante. Os/as estudantes conseguiram criar de forma consciente, conseguiram expandir os significados e alcançar possibilidades para além do convívio escolar, deram espaço para discussões importantes dentro e fora de sala de aula. Porém, ainda conectados nos acontecimentos no decorrer da história de Macabéa. Então, toda a discussão, de alguma maneira, estava conectada ao que Macabéa havia passado em comparação a sociedade atual, uma vez que o resumo da história foi apresentado antes

mesmo das imagens. Os elementos visuais analisados nas capas dos livros e os elementos utilizados pelas\pelos alunos na hora da criação tinham um significado focado na história do livro. Apesar de ter sido uma experiência considerada bem-sucedida, a imagem ainda aparecia muito dependente do texto escrito. Essa observação me fez pensar em como seria o exercício da releitura de imagens se a exposição da história do livro fosse apresentada depois das análises imagéticas.

A partir dessa observação e inquietação, foi idealizado um novo exercício de releitura de imagem utilizando inicialmente apenas as capas do livro de Lispector de 1961, “A maçã no escuro”, como principal referência para a atividade de releitura de imagem, como uma forma de potencializar o conteúdo que as imagens podem trazer. Com o mesmo objetivo de criar uma capa para o livro de Clarice, dessa vez sem a pretensão de criar um título para a obra, no dia 29 de abril e 6 de maio do mesmo ano realizei em sala de aula virtual o exercício de releitura em duas turmas: a turma de sexto ano que já havia participado da primeira experiência e uma turma do nono ano do Ensino Fundamental com 20 estudantes em sala de aula, novamente com o tempo da atividade sendo dividido em dois encontros de dois tempos de 50 minutos em cada turma.

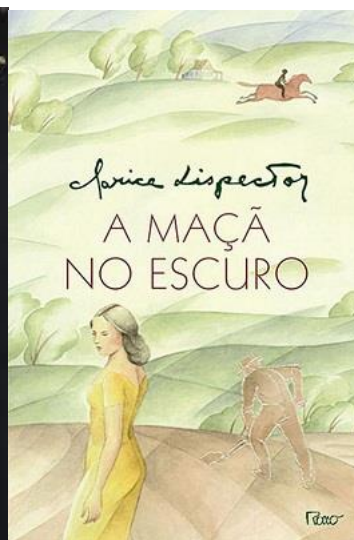
Como na primeira experiência, o primeiro encontro com as turmas foi para explicar todo o exercício proposto, sendo o primeiro passo uma conversa sobre o centenário de Clarice Lispector e uma breve abordagem sobre os temas recorrentes na literatura da autora. Diferente da experiência anterior, não foi abordado a história de “A maçã no escuro” no primeiro momento, mas sim expostas diretamente as imagens das capas do livro de Lispector. Abaixo, algumas capas exibidas durante o exercício.



Editora: Rocco. Ano:1946



Editora: Paz e Guerra: 1978



Editora: Rocco. Ano:1998

Após a exibição das capas, algumas perguntas foram feitas a turma, como por exemplo: “Quais elementos visuais vocês acham que são os principais das capas?” “Quais os elementos que se repetem nas imagens?” “Qual história pode ser contada através das imagens?” e “Como vocês imaginam que é a história desse livro?”. Dessa forma, as teorias se construíram a partir da análise do título e das imagens presentes nas capas, só quando as teorias pareciam avançadas em suas conclusões é que as/os estudantes tiveram acesso ao resumo da obra de Clarice. No segundo encontro começaram as práticas. Ela consistia em fazer a releitura de uma ou mais capas de “A Maçã no Escuro”, podendo utilizar qualquer material disponível, como suporte e coloração, e a técnica que mais se sentissem seguros em trabalhar. Parte das/dos estudantes escolheu somente criar através do desenho colorido (técnica mista entre desenho em lápis de cor e pintura de aquarela); outros optaram pelo desenho em diferentes tons de cinza e preto (técnica mista entre desenho à lápis e pintura de aquarela utilizando o preto para finalizarem o seu trabalho).

Inicialmente, o título da obra foi responsável por inspirar a maioria das hipóteses criadas pelas/pelos estudantes. Porém, aos poucos, os elementos visuais foram ganhando notoriedade até que passaram a ser o ponto de partida para teorias que tinham como principal base possíveis relações entre os elementos presentes nas diversas edições de “A maçã no Escuro”. A presença do vermelho, formas que lembrassem a maçã e referências ao feminino, destacaram-se dentre os elementos escolhidos pelas/pelos estudantes.

Após as especulações sobre o enredo do livro de Lispector, foi apresentado o resumo da história. Poucas teorias eram compatíveis com o que Clarice escreveu; porém, as/os estudantes classificaram as hipóteses restantes não como descartáveis, mas sim como possibilidades devido aos elementos visuais presentes nas ilustrações expostas na aula de Artes Visuais. Depois todo esse processo de reconhecimento e interação, as/os estudantes escolheram qual ou quais das capas mais seriam revisitadas como referências principais do seu processo de releitura, resultando em uma criação com criatividade, imaginação e orientação sobre o tema.

Abaixo, um exemplo dos trabalhos práticos realizados durante o exercício proposto e a ilustração da capa escolhida como principal referência visual.



Editora: Paz e Terra 1978

Trabalho de ML. nono ano

O trabalho feito através da técnica mista, utilizando o desenho e a pintura em sua construção, resultou em uma imagem que, apesar de conter os elementos visuais da capa escolhida, tem um resultado diferente, trazendo a vivência da estudante para sua criação.

Além dos novos elementos incorporados à imagem, como a presença de uma mão misteriosa sustentando toda a estética do trabalho, a estudante ainda interpreta o título dentro de sua construção, trazendo o escuro e a maçã como elementos principais de seu desenho. Vale ressaltar que ela, durante as aulas de Artes Visuais, demonstrou facilidade em produzir desenhos tanto em preto e branco, quanto coloridos, sendo a maioria desenhos de criação e poucos de observação, me fazendo crer que a realização desse exercício foi possível graças à união desses dois métodos de fazer um desenho. O estudo paralelo sobre o desenho realista era algo presente em sua prática, de vez em quando aplicando esse conhecimento nos exercícios propostos, o que se tornou a marca de sua expressividade artística.

Enquanto a ilustração de “A maçã no escuro”, de 1987, apresenta um fundo preto com letras em duas dimensões (2D) e a imagem realista de uma maçã iluminada da direita para a esquerda, a releitura analisada apresenta o fundo também escuro, porém, sendo iluminado de maneira frontal, destacando os elementos principais do trabalho, ou seja, a maçã, feita em duas dimensões (2D), sustentada por uma mão, aparentemente feminina, feita com traços simples e apresentando um leve sombreamento, trazendo um pequeno contraste de luz e sombra para o desenho. Podemos teorizar sobre a utilização do preto e branco por toda a cena e a coloração do vermelho da maçã, o elemento destaque. Seria possível essa escolha de coloração estar ligada a temporalidades diferentes? Talvez uma referência a filtros de mídias

sociais que dão destaque a detalhes desejados por seus usuários? As pinceladas pretas poderiam ser inspiradas na cultura oriental conhecida por mesclar imagem e escrita? A imagem da maçã sendo pega no alto por uma mão feminina poderia fazer alusão a Adão e Eva e o pecado original, uma vez que o livro fala sobre o pecado de um homem que acredita ter assassinado a esposa?

As possibilidades são múltiplas. Com o exercício da releitura da imagem aplicado através da Abordagem Triangular na aula de Artes Visuais as/os alunos puderam relacionar as referências imagéticas dispostas em sala de aula juntamente com as da sua vivência e ainda as significar de acordo com a sua imaginação, tornando o ensino em sala de aula muito mais amplo do que um exercício de pura cópia faria. A troca de informações entre as/os estudantes em busca de respostas dos seus questionamentos se mostraram essenciais na hora de criar e de entender a importância de ouvir opiniões diferentes, pontos de vista diversos para compor o próprio pensamento.

O ouvir, compartilhar e criar acabaram se unindo no processo tão interessante quanto o resultado. Diferença e a semelhança conversaram e o desdobramento de todo o pensar foi a criação de imagens tão dotadas de possibilidades de interpretação que abriram espaço para tantos outros questionamentos, tantas outras oportunidades de aprendizado, não só para as/os estudantes em sala de aula, mas também para as/os professores estabelecendo um diálogo junto das/dos alunos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A releitura da imagem proposta na aula de Artes Visuais, tendo as ilustrações das capas de livros de Clarice Lispector como as principais referências, fez com que as/os estudantes explorassem caminhos diferentes de interpretações, adicionassem seus próprios conhecimentos e personalidade nos trabalhos, utilizando a imaginação e a criatividade no seu processo de releitura. A aplicação da Abordagem Triangular permitiu que a ambiência das/dos estudantes entrasse em sala de aula e fosse discutida num movimento amplo de conhecimento e interação entre elas e eles, incentivando a troca de informação e colaboração no aprendizado individual com o coletivo. Permitiu que as/os estudantes explorassem e refletissem mais das imagens que temos acesso.

Quando se tem a análise da imagem, a contextualização dela, não só de quando foi criada, mas sim que sentido podem ter na sociedade atual, atrelada com uma prática reflexiva diante de tantas referências de imagens a nossa volta, temos a capacidade de sermos ativos no meio em que vivemos, passamos a não olhar superficialmente o que nos exige uma análise mais profunda e avaliativa como propagandas de cunho político ou *fake news*. Passamos a ser mais seletivos e responsáveis por aquilo que consumimos e que ofertamos para ser consumido.

Histórias paralelas foram criadas pelas/pelos estudantes através da troca de informações na aula de Artes Visuais durante o exercício da releitura. Construíram juntos, observando, ouvindo, afetando e se deixando afetar pela fala dos colegas. Esse movimento permitiu um aprendizado muito mais amplo, para além da sala de aula. As análises das imagens levantaram hipóteses muitas vezes colaborativas. Embora a entrega final fosse individual, a construção das capas acabou passando por um processo de doação de informações entre as/os estudantes, fazendo surgir, por exemplo, questionamentos sobre a sociedade atual. O aprendizado partiu delas e deles, expandindo criatividade, raciocínio e imaginação.

Através da releitura de imagem, pode-se afirmar que além de contemplar o mundo já dado, passamos a fazer parte de sua criação. A partir do momento que nos propomos a nos aprofundar no que vemos, nas informações que nos são ofertadas, podemos ampliar a percepção de sentidos, nos tornar sujeitos mais conscientes numa sociedade bombardeada por informações distribuídas de forma imagética que, muitas vezes, precisam de um olhar mais atencioso.

As imagens podem contar e inspirar diferentes histórias, podem servir de suporte para criar cenários, teorizar sobre supostas relações, nos mostram pontos de partida sem

necessariamente nos mostrar um ponto final, podem no conscientizar que é preciso um conhecimento contínuo, em movimento para estarmos verdadeiramente cientes do que acontece a nossa volta e podermos agir de acordo com nosso próprio entendimento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A IMAGEM NO ENSINO DA ARTE. ANOS OITENTA E NOVOS TEMPOS.** 6º edição. São Paulo. Perspectiva, 2005.

\_\_\_\_\_. A Importância da Imagem no Ensino da Arte: Diferentes Metodologias. *In:* \_\_\_\_\_ (org) **A Imagem no Ensino da Arte.** 6º edição. Editora: Perspectiva, 2005. cap. 3, p. 27-81.

\_\_\_\_\_. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados,** São Paulo, vol.3 n7, p. 170-182, Sept./Dec. 1989. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-40141989000300010>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2021.

\_\_\_\_\_. **DIALOGANDO COM ANA MAE BARBOSA SOBRE ARTE.** [Entrevista cedida à Universidade de São Paulo e Universidade Anhembi-Morumbi] Taíze dos Santos Batisti, Elisiane Saiber Lopes, Marcia Regina Selpa Heinzle, Rita Buzzi Rausch. *Atos de Pesquisa em Educação.* Blumenau, v. 11, n.1, p.343-349, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/4680/3287>. Acesso em 30 de julho 2020.

BASTOS BARBOSA, Ana Amália Tavares; BASTOS BARBOSA, Ana Mae Tavares. (org). Releitura, citação, apropriação, ou o quê? *In:* \_\_\_\_\_ (org). **Arte/Educação contemporânea: Consonâncias Internacionais.** 3º edição. Editora Cortez, 2006. cap. 5, p. 143–149.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf) Acesso em 21 de março de 2020.

DERDYK, Edith. **FORMAS DE PENSAR O DESENHO. DESENVOLVIMENTO DO GRAFISMO INFANTIL.** 3º edição. São Paulo, SP: Panda Educação. 2020.

OLIVEIRA, Amanda Carvalho de. **A PROPOSTA CIRCULAR: UM CAMINHO EM BUSCA DE AULAS DE ARTES ALÉM DAS MURALHAS.** 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) Universidade Estadual Paulista “ Júlio de Mesquita Filho” Instituto de Artes. São Paulo, 2016.

Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144611/oliveira\\_ac\\_me\\_ia.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/144611/oliveira_ac_me_ia.pdf?sequence=3&isAllowed=y). Acesso em: 22 de Agosto de 2020.

PIMENTEL, Lucia Gouvêa. **A Cognição Imaginativa na formação de professor@s/artistas – Experiências em diálogo.** A Cognição Imaginativa como projeto de formação do professor@/artista. *In:* XXVI CONFAEB, 26, 2016, Boa Vista. Anais [...]. Roraima - Boa Vista. Universidade Federal de Roraima: 2016. p. 11-21. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxtYXRyaXplc2VnZXBlcHxneDpjYmQ1YTI2YTQ3ZjE1Nw>. Acesso em: 10/ Dezembro/ 2020.

SCHLICHTA, Consuelo Alcioni Borba Duarte. **A LEITURA DA IMAGEM NO ENSINO DA ARTE E A PERSISTÊNCIA DA LEITURA.** *In:* ANPAP – ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 20, 2011,

Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro. UERJ - Universidade Estadual do Rio de Janeiro: 2011. p. 367-381. Disponível em:  
[http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/consuelo\\_alcioni\\_borba\\_duarte\\_schlichta.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2011/pdf/ceav/consuelo_alcioni_borba_duarte_schlichta.pdf).  
Acesso em: 05 de novembro de 2020.

SOUSA, Rainer Gonçalves. "**Pop Art**"; Brasil Escola. 2020. Disponível em:  
<https://brasilecola.uol.com.br/artes/pop-art.htm>. Acesso em 19 de agosto de 2021.

TUDO. Romantismo em. 16 de abril de 2015. Disponível em:  
<https://romantismoemtudo.blogspot.com/p/releitura-de-poemas.html>. Acesso em: Acesso em 19 de agosto de 2021.